

O JONGO ENTRE SÉCULOS: RESISTÊNCIA CULTURAL E IDENTIDADE EM DIFERENTES PERÍODOS E ESPAÇOS DO BRASIL

Palavras-Chave: JONGO, MUSICAR LOCAL, TRADIÇÕES

Autores(as):

GIOVANNA RODRIGUES GARCIA, IA – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). SUZEL ANA REILY, IA – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Este trabalho teve como objetivo pesquisar a manifestação cultural do jongo considerando toda a sua complexidade sociocultural, artística e musical, desde os primeiros indícios de sua existência no Brasil até o hoje, ou seja: buscamos compreender essa manifestação que hoje é patrimônio imaterial brasileiro de forma ampla (dentro das mais diversas temáticas que esse tema pode nos apresentar) e refletindo sobre sua realidade tanto no momento do Brasil Imperial quanto em momentos mais próximos da atualidade. O jongo, manifestação cultural brasileira de matriz africana desenvolvida no Sudeste do país (principalmente nas regiões onde havia larga produção de café, dando destaque ao Vale do Paraíba em São Paulo) a partir de meados do século XIX, é uma prática que perpassa séculos de existência e resistência a um sistema primeiro escravocrata e enfim sistematicamente racista e exclusor, estruturado por meio de pactos perversos da branquitude (Bento, 2022) e de engenhosos sistemas de opressão (estigmas, intolerância/racismo religioso, mito da meritocracia, etc).

Nessa pesquisa, buscamos entender como se deu, em cada um dos períodos descritos (meados do século XIX e proximidades da atualidade), a resistência sociocultural por meio do jongo à realidade social já descrita, pesquisando assim as ações do mesmo na vivência dos indivíduos praticantes e seu impacto na realidade prática destes e da sociedade ao entorno. Gostaríamos principalmente de entender os motivos de se fazer jongo e de sua continuidade por entre os séculos, então nos debruçamos sob uma rica bibliografia acadêmica e sob uma gama de outros materiais importantíssimos (áudios, documentários, livros

correlacionados, etc) para poder compreender esses percursos e trazer, na medida do possível, essa discussão para dentro da universidade, contribuindo para a valorização das culturas tradicionais e principalmente evidenciando a necessidade de contato prático entre essas manifestações e os estudantes de artes, em um movimento de diversificar e enriquecer referências, além de contribuir para a progressiva descolonização dos saberes e da academia. Através de discussões anteriores ocorridas por meio de disciplinas do Departamento de Música da Unicamp (Instituto de Artes da Unicamp) selecionamos a importância de discorrer sobre a relação entre o jongo e o conceito de “transcritos ocultos” (Scott, 1990), tecnologia de comunicação combativa por meio da qual discursos publicamente reprimidos podem ser enunciados de maneira não explícita – fugindo assim da censura e da repressão. Além disso, um dos alicerces teóricos deste trabalho foi o conceito de “musicar local” (Reily, 2021), termo que nos ajuda a compreender os diversos espaços sociais criados em torno de uma prática musical, bem como nos ajuda a pensar a interdependência entre a própria existência do fazer musical com seu contexto de criação, no qual inúmeras relações interpessoais marcadas por objetivos, percepções e ações únicas ocorrem.

Nossos objetivos centrais foram: a) refletir sobre o conceito de “musicar local” (Reily, 2021) em relação ao jongo, compreendendo de que forma o termo pode ajudar na compreensão do jongo e de outras manifestações culturais ocorrentes em diversos lugares do território brasileiro atualmente; b) divulgar o jongo na comunidade acadêmica por meio da reflexão sobre sua continuidade na atualidade, temática que pode se desdobrar em diversas outras relevantes ao campo das artes e c) compreender o funcionamento dos transcritos ocultos (Scott, 1990) nas práticas populares e suas dinâmicas em relação aos espaços públicos e privados.

METODOLOGIA:

Esta pesquisa buscou alcançar seus objetivos anteriormente descritos através de uma abordagem qualitativa, visto que não visamos alcançar números nem analisar nenhuma das informações obtidas quantitativamente; além disso, este trabalho enquadra-se em uma pesquisa de natureza básica, posto que buscou contribuir na ampliação dos estudos sobre práticas tradicionais no sentido de refletir acerca dos espaços por elas criados, procurando assim influenciar trabalhos futuros à medida em que dialoga com a etnomusicologia de uma maneira específica, porém com conceitos adaptáveis a outras realidades e ou musicares, sejam de prática do jongo ou não. Quanto aos objetivos, a metodologia deste trabalho centra-se em uma abordagem descritiva e explicativa, visto que explorou diversos textos e

outros materiais existentes para a elaboração de uma possível síntese que dialogue mais amplamente no sentido de nossos objetivos anteriormente explicitados.

Utilizamos, por fim, de uma intensa pesquisa bibliográfica repleta de diversos materiais como documentários, artigos/teses/dissertações acadêmicas, gravações divulgadas por meio da internet, entrevistas com grupos/comunidades jongueiras já pré-existentes, entre outros. Podemos dizer que a bibliografia utilizada se concretizou num arcabouço teórico abrangente, nos fornecendo contato com nomes renomados da área da antropologia, das ciências sociais, da arte e da música, explorando temas relevantes para essa pesquisa, como: manifestações populares no Brasil, racismo estrutural, cultura e sociedade, intolerância religiosa, etc. Na reta final de nossa pesquisa pudemos contar com a liberação do CEP para estudos em campo, o que nos possibilitou (em menor medida do que por nós esperado, mas não menos proveitoso) contato direto com comunidades jongueiras, participando de vivências e de algumas festividades que com certeza elucidaram para nós muito do que foi estudado “à distância” e coloriu nossas impressões de materialidade, comprovando a necessidade urgente de que os artistas interessados entrem em contato direto com as comunidades mais próximas em sua busca por conhecimentos acerca de determinada manifestação. Trabalhemos juntos por uma sociedade mais justa através da arte e do movimento de descolonização das práticas, nos apoiando nas potencialidades múltiplas das encruzilhadas (Rufino, 2019) que a experiência brasileira nos apresenta!

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

É possível compreender, a partir do conteúdo trazido para este resumo, que essa pesquisa em muito se aprofundou em questões sociais para além da música e da arte, explorando temas como: a) o pertencimento social e resistência através da arte, b) a importância das vivências em matriz africana para a construção/manutenção de uma identidade que forneça fortalecimento para resistir perante a uma sociedade excludente, c) o racismo sistemático e seu impacto na prática do jongo por entre os séculos, etc. Nesta pesquisa também procuramos entender, a partir da rica bibliografia existente sobre o jongo, como se articulam tais sentimentos de pertencimento, identidade e resistência por meio dessa prática cultural, culminando no entendimento de ser enfim o próprio jongo e seus incríveis espaços de musicar local (Reily, 2021) um articulador de indivíduos e vivências extremamente significativas quanto a realidade da cruel história do país (considerando o fato de que o jongo desenvolveu-se no seio das comunidades escravizadas, em um movimento de resistência às opressões vivenciadas neste momento e, ao mesmo tempo, em uma ação comunitária de

convivência, socialização e compartilhamento de saberes), em uma experiência que tanto evoca esse momento passado a partir de histórias cantadas, vestimentas e da própria dança quanto amplia o entendimento e a autopercepção acerca dessa população, rasurando estigmas e resgatando esses indivíduos de uma história/posição (socialmente imposta) exclusivamente vitimada pelo entorno e (hipocritamente) culpada pelos seus destinos ao dar-lhes insumos para enxergarem-se e compreenderem-se como herdeiros de grandes e potentes tradições, culturas e saberes. Ao mesmo tempo, para as pessoas de “fora” da manifestação e de seus sentidos centrais, um trabalho interessantíssimo de conscientização e valorização da cultura de matriz africana na realidade brasileira pode ser levado adiante, como foi possível perceber em parte do nosso contato direto com o jongo. Para nós o jongo revelou-se como potência descolonizadora ao passo que valoriza e propaga no seu entorno os saberes ancestrais acumulados e salvaguardados principalmente por grupos afrodescendentes, um jogo de corpo que ao mesmo tempo que brinca e extravasa é sério e configura-se como ação política de resgate e resistência.

Pudemos também notar a alta aplicabilidade do conceito de “musicar local” proposto por Reily (2021) à realidade do(s) jongo(s) em específico (aqui estrategicamente usando o plural para explicitar o uso do conceito), já que conseguimos analisar os diversos espaços criados e vivenciados em torno do jongo ao redor da região Sudeste em nossa pesquisa bibliográfica. É perceptível que uma mesma manifestação (o jongo) cria espaços múltiplos em diferentes lugares, resultando em uma variada gama de grupos jongueiros com comunidades relativamente distintas criando espaços de convivência distintos – diferentes musicares. Entendemos enfim o jongo como uma manifestação que cria diversos musicares locais, cada qual com suas particularidades indubitavelmente relevantes; entretanto é sempre importante ressaltar que esses musicares locais são todos jongo, ou seja: são diferentes espaços praticados interligados por uma mesma prática essencial.

Podemos por fim dizer também que o jongo poderia provavelmente se apresentar em diversos e relevantemente distintos musicares no passado século XIX igualmente; entretanto, nos falta tempo hábil para estudar a aplicabilidade do conceito ao jongo do século XIX especificamente, visto que, majoritariamente, os materiais científicos por nós estudados nesta pesquisa tendem a generalizar a prática do jongo de meados do século XIX a meados do século XX. De qualquer maneira, é importante ressaltar que pudemos explorar nesta pesquisa as mudanças e permanências no sentido de continuidade dessa prática aos seus praticantes entre este período citado e a atualidade, sendo que atualmente ganha caráter político e identitário mais engajado, alastrando seu “alcance” para as periferias e para a população

afrodescendente num geral (mesmo as não integrantes de núcleos familiares que salvaguardaram diretamente a prática por entre os séculos) e para os demais cidadãos, realizando trabalhos de conscientização e de compartilhamento de sua cultura, além de ampliar internamente seu poder de articulação dos indivíduos frente à sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. [Caps. 1 a 6].

CUNHA, João Alípio de Oliveira. **A arte do “acolhimento”**: novas perspectivas sobre a **salvaguarda do jongo**. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.31., p. 163-175, Jan-Jun. 2019.

FIGUEIREDO, Luciana da Conceição. **Jongo e resistência cultural**. Revista África e Africanidades - Ano 2 - n. 8, fev. 2010 - ISSN 1983-2354.

MARTINS, Alessandra Ribeiro. **Jongo e ancestralidade: Salvaguarda e preservação sob o olhar dos detentores**. Associação do Jongo Dito Ribeiro, 2021. Campinas, SP

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MONTEIRO, Laís Bernardes. **Diálogos entre tradição, memórias e contemporaneidade: um estudo sobre o Jongo da Lapa**. Dissertação (Tese de Mestrado em Memória Social). 2015, UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Mórula editorial, 2019.

SILVA NETTO, Andréia da. **Jongueiros do Tamandaré : o jongo é da nação, e os jongueiros aonde vão?** / Andréia da Silva Netto. -- São Carlos : UFSCar, 2011. 98 f.

REILY, Suzel Ana. 2021. **O Musicar Local e a Produção Musical Da Localidade**. GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia 6 (1). São Paulo, Brasil: e-185341. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.185341>.

SAMPAIO, Ana Paula de Mesquita. **Mulheres negras e ancestralidade: a Comunidade Jongo Dito Ribeiro**. 2020. 218 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SCOTT, James. **Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts**. Hew Haven, CT: Yale University Press, 1990.